



Caderno de Resumos 2022

**XVI Jornada
de Estudos
do Discurso**



 **navis**

NARRATIVAS DE RE(EXISTÊNCIA): MULHERES EM MOVIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM SÃO GONÇALO – RJ

Alice Santos da Silva
PUC- RIO
alicesantos@id.uff.br

Este trabalho é parte da produção de minha tese de doutorado e nele discuto sobre as narrativas de mulheres que sofrem/sofreram violência doméstica/de gênero e são/foram atendidas pelo MMSG - Movimento de Mulheres, localizado na cidade de São Gonçalo - região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, tomando como ponto de partida o momento da acolhida do movimento para as formas de continuidades de suas vidas. A geração dos dados segue uma perspectiva etnográfica e participativa (MISHLER, 1986) através de entrevistas com posteriores transcrições e a análise se orienta pelas lentes da Análise da Narrativa, os conceitos de estigma e performatividade (BASTOS, 2005; BASTOS e BIAR, 2015; GOFFMAN, 2009; BUTLER, 1990), tendo como premissa a ideia de que as identidades são construídas coletivamente e de que as brechas hegemônicas, uma vez atingidas, são agentes de transformações no mundo através da linguagem. Tomo como pressuposto que análises que dialogam com opressões e perigo iminente violações de direitos não têm como intuito dar voz às colaboradoras da pesquisa, mas fazê-las ecoar a fim de infiltrarmos e inferirmos nos discursos hegemônicos de subalternização, que fazem da sociedade um lugar propício para que essas violações aconteçam, alguma diferença prática (hooks, 1989; HALL, 2003). Portanto, neste trabalho procuro entender as formas pelas quais as narrativas e identidades que são construídas podem relacionar-se dialogicamente com outros discursos dominantes e sistemas de coerência validados no senso comum acerca das mulheres que sofrem violência de gênero e doméstica e como a acolhida pelo MMSG pôde se orientar como ponto de virada em suas (re)existências.

Palavras-chave: Narrativas; Identidade; Resistência; Violência Doméstica; Violência de Gênero

DRAG, AFETO E POLÍTICA: PABLO VITTAR MONTADA DE ESPERANÇA

Anderson Andrade da Silva Marques
PPGMS-UNIRIO
aandrade012@gmail.com

Em 2019 a revista britânica GayTimes publicou uma matéria de capa com a drag queen brasileira Pablio Vittar, intitulada “*Pablio Vittar is a beacon of hope for Brazil’s LGBTQ Community*” apresentando-a como estandarte da esperança para a comunidade LGBTQIA+ no Brasil frente ao governo de extrema-direita em vigor no país então. Neste trabalho analisamos a matéria supracitada com objetivo de compreender de que maneira Pablio Vittar é construída como uma performance de resistência e de que maneira esperança comparece na sua performance artística e identitária. Para tal partimos da concepção de linguagem enquanto performativa (AUSTIN, 1962; BUTLER, 1990,1993, 1997), em que a linguagem é ação e não apenas uma forma de descrição do mundo, levando em consideração as contribuições de Derrida (1988) para tais teorias, principalmente os conceitos de *citacionalidade* e *iterabilidade* apresentados

pelo filósofo argelino. Para realizar as análises utilizamos o conceito de escala (CARR e LEMPERT, 2016) e de afeto (GLAPKA 2019), neste último caso nos voltamos principalmente para esperança enquanto prática (BLOCH, 1996 [1959]; FREIRE, 1992). Fazendo um breve apanhado da história recente da política brasileira e com base nos dados construídos a partir da matéria da GayTimes, resultados preliminares apontam para a construção da performatividade escalar de Pablio Vittar baseada em uma concepção de esperança enquanto prática em contraposição ao governo de ódio e pânico social exercido pela extrema-direita no poder no Brasil.

Palavras-chave: Drag; Esperança; Performatividade; Política; Resistência.

Vivências LGBTQIA+ em ambientes institucionais: um olhar duplo acerca das construções discursivas sobre as normatizações e a homofobia

Anna Paula Bezerra da Silva – PUC-Rio
annapaulabs.10@gmail.com

Alex Figueiredo – PUC-Rio
abarrosfigueiredo@outlook.com

A partir do diálogo entre duas pesquisas de mestrado acerca da temática da produção de práticas sociais e reguladoras para com a população LGBTQIA+, temos por objetivo, nesta apresentação, refletir e gerar entendimentos acerca do papel da Linguística Aplicada Contemporânea sobre as vivências da comunidade LGBTQIA+ em ambientes institucionais. Para este fim, sublinharemos suas experiências em construções narrativas tomando como base a lente discursiva da Análise de Narrativa, visando com isso ressaltar como micro relações cotidianas podem alimentar discursos homofóbicos e a cis heteronormatividade. Levando em conta os resultados gerados nestes dois trabalhos, foi possível perceber a normalização de diferentes práticas homofóbicas, como as recreativas, o surgimento de um sentimento de solidão e a atuação de práticas de controle e repressão. Sendo estas, desencadeadas pelo desamparo institucional e pelo não alinhamento às expectativas normativas de gênero e sexualidade. Neste sentido, atentamos para o uso da linguagem como ferramenta de controle, poder e discriminação, mas também resistência.

Palavras-chave: Linguística Aplicada Contemporânea; Análise de Narrativa; vivências LGBTQIA+; ambientes institucionais; homofobia.

“PROFESSOR NÃO GOSTA DE TRABALHAR”: ETOS DISCURSIVO E O TRABALHO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CONTEXTO DA ATUAÇÃO DO MovEM-Rio

Bibiana Campos – UERJ
bibianacampos@gmail.com
Juliana R. Azevedo – UERJ
jrubeiroaz@gmail.com

A partir de uma perspectiva cartográfica da Análise do Discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021) propomos analisar algumas práticas discursivas (MAINGUENEAU,

1989) – aqui entendidas como o movimento constitutivo entre os textos e as comunidades discursivas que os produzem e que são por eles sustentadas – acerca da figura do professor e de seu trabalho. Dessa forma, trazemos à cena práticas discursivas que disputam a construção de sentidos sobre que é ou deveria ser o professor da educação básica e que contribuem, por meio dos processos de subjetivação que põem em marcha, para transformar o trabalho docente. Apresentamos, portanto, práticas discursivas diversas, tanto de comunidades discursivas que não trabalham formal e diretamente na educação (como grupos políticos e responsáveis por estudantes), quanto de comunidades compostas pelos próprios profissionais da educação. As organizações educacionais são poderosos dispositivos de produção de subjetividades, de modo que a educação se torna o campo de disputas pela hegemonia de sentidos, frequentemente produzidos em função da figura e do trabalho do professor: sua imagem, suas responsabilidades, suas carreiras, suas posições sociais. O objetivo deste trabalho é analisar tais práticas discursivas e os possíveis efeitos de sentido construídos a partir delas, sua repercussão nos processos de subjetivação que engendram, notadamente, em relação aos profissionais da educação. O corpus utilizado para essas análises foi produzido com enunciados extraídos de mídias sociais, no contexto da atuação do MovEM-Rio. Assim, propomos investigar, a partir da entrada analítica do etos e com base nos primados da prática discursiva e do interdiscurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), os efeitos de sentido produzidos por discursos que, *a priori*, parecem ora exaltar o trabalho do professor da educação básica e ora tê-lo como inimigo.

Palavras-chave: Análise Cartográfica do Discurso; Etos discursivo; Trabalho do professor; MovEM-Rio.

BROXONARO E TCHUTCHUCA: MOMENTOS DA TRAJETÓRIA TEXTUAL DE DUAS FORMAS DE REFERENCIAR O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Clarissa Gonzalez
PIPGLA/ NUDES/ UFRJ
gonzalezclariss@gmail.com

Esta pesquisa, em fase embrionária, toma como base um evento (a projeção das palavras ‘Broxonaro’ e ‘Tchutchuca’, no Empire States Building dia 20 de setembro de 2022) para analisar o modo como textos viajam, arrojam/ressignificam sentidos e agem performativamente no mundo social, podendo contribuir para a reconstrução da sociedade em face à possibilidade de mudar o curso da história por meio do protesto político. Com tal intuito, me debruço sobre momentos da trajetória textual das duas palavras mencionadas. O evento em questão, atribuído a ativistas brasileiros, entextualiza (SILVERSTEIN & URBAN, 1996; BAUMAN & BRIGGS, 1990) duas formas de referenciar o presidente do país. A primeira, Broxonaro, resulta da aglutinação do termo ‘brocha’ com o sobrenome ‘Bolsonaro’, além de resgatar um neologismo entoado pelo presidente durante os festejos da independência do corrente ano: dia 7 de setembro, em um palanque, ele se autodenominou imbrochável. A segunda, recupera o modo como o youtuber Wilker Leão se referiu a Bolsonaro no dia 18 de agosto de 2022, durante um enfrentamento no cercadinho do Palácio do Planalto: “Tchutchuca do Centrão”. Cabe mencionar que o termo Tchutchuca já havia sido usado pelo deputado Zeca Dirceu (PT-PR) para aludir ao ministro da economia. Na ocasião, durante uma sessão da CCJ que discutia a reforma da previdência em abril de 2019, o

deputado petista disse que Paulo Guedes agia como um tigrão ante aposentados, professores e agricultores; mas era a tchutchuca de banqueiros e empresários. Concluo, ainda que provisoriamente, que esses movimentos citacionais nos dão subsídios para pensar a circulação de textos e para perceber que a iterabilidade (DERRIDA, 1972/1991) não só permite a produção de diferença, mas também interpela sujeitos, impulsiona a realização de protestos e abre brechas para mudanças significativas no panorama político ao colocar figuras públicas em evidência.

Palavras-chave: trajetória textual, entextualização, iterabilidade, citacionalidade

Emergência do discurso antirracista: para além do dizer, fazer (*)

Cleide Maria de Mello

Doutoranda em Estudos da Linguagem – PUC-Rio

e-mail: cle_mello@yahoo.com.br

(*) com base em artigo publicado na Revista Tecnologia e Cultura – Edição especial em comemoração aos 10 anos do PPRER do CEFET-RJ (2021).

O fato gerador dessa pesquisa qualitativa foi o assassinato de (mais) um homem negro no Brasil, dessa vez filmado e viralizado, nas dependências do hipermercado Carrefour em Porto Alegre em novembro/2020. As reações da própria empresa, do governo e do movimento negro, obtidas através de declarações na mídia online, tornaram-se um evento discursivo que suscitaram os seguintes objetivos de pesquisa: (i) analisar o discurso de combate ao racismo presente nas medidas tomadas pelo Carrefour; (ii) avaliar o discurso do Governo para fazer frente à inegável existência do racismo estrutural/institucional na sociedade brasileira; (iii) investigar o contradiscurso do Movimento Negro com relação à criação, pelo Carrefour e pelo Governo, do Comitê de Diversidade e da Comissão de Juristas respectivamente. Tendo como fio condutor os conceitos de *análise do discurso* e *categorias analíticas* de Ramalho e Resende (2011); *linguagem como performance* de Austin (1990); contextos *micro e macro* de Blommaert (2006/2010) e ordens de *indexicalidade* de Gee (1999), analisamos o quanto cada uma dessas esferas de poder, empresarial e governamental, demonstra real interesse em *dizer* e *fazer* algo eficaz para melhorar a questão racial que atenda às demandas da população negra. Concluímos que: (i) o grupo empresarial Carrefour, só envidou esforços para atenuar a situação com vistas a minimizar o forte abalo em sua reputação e suas finanças; (ii) o governo também tardou a interferir e propor políticas públicas voltadas à população negra; (iii) o movimento negro se impôs e propôs mudanças, exigindo a participação da Coalizão Negra por Direitos em transformações sociais efetivas e eficazes para a população negra, em consonância com o lema “Nada sobre nós sem nós” ou, no caso da criação do Comitê do Carrefour e da Comissão do Governo, “Nada sobre nós somente com alguns poucos de nós”.

Palavras-chave: Análise do discurso - Discurso antirracista - Movimento negro

A mulher e o cárcere - avaliações e moralidades a respeito do comportamento feminino e da maternidade em relação ao encarceramento

Deise Ferreira Viana de Castro
PUC-Rio / UCP
deise.castro@ucp.br

Esta pesquisa, de caráter discursivo, analisa como as decisões sobre prisão domiciliar para mulheres mães de crianças menores de 12 anos e/ou gestantes, especialmente as negativas, são discursivamente construídas por juízes e desembargadores. As decisões judiciais do sistema penal brasileiro para estes casos não têm atendido às normas contidas nas leis. As justificativas e argumentações apresentadas pelos julgadores são, muitas vezes, moralizantes, baseadas na ideia de que a mulher perde a capacidade de ser mãe uma vez que comete um delito. Trata-se de uma análise qualitativo-interpretativista (MOITA LOPES, 1994 e 2006; e Denzin e Lincoln, 2006) que busca o entendimento dos Discursos, com uma lente macro-analítica, e dos discursos que necessitam de uma lente micro-analítica (Gee, 2005) para entendermos a linguagem em uso nos processos judiciais. Buscamos refletir sobre a interdisciplinaridade entre a linguagem e o direito que faz parte da área de Linguística Aplicada, mais especificamente da Linguística Forense Coulthard *et al.* (2007). O *corpus* da pesquisa é composto de Acórdãos que serão escrutinados a fim de se analisar aspectos sobre os julgamentos pessoais e/ou morais que se façam presentes nas decisões como forma de argumentar e embasar a não concessão da prisão domiciliar como pena alternativa. A fim de analisar os aspectos avaliativos e morais em relação às mães encarceradas e seus julgamentos, buscamos ancoragem nas teorias que envolvem o Sistema de Avaliatividade de WHITE (2004), MARTIN e WHITE (2005). Inclui-se também uma reflexão a respeito da (im)parcialidade judicial com base em autoras como Lupetti Baptista (2013 e 2021) e Mendes (2012) para que seja possível entender melhor os enfoques avaliativos e moralizantes dos julgadores.

Palavras-chave: análise do discurso jurídico, maternidade, encarceramento, avaliatividade, moralidade

"Tinha que ter muita coragem pra encarar o trem, entende?": estratégia e (sobre)vivência nos trens urbanos do Estado do Rio de Janeiro

Douglas Firmino dos Santos
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
douglasfirmino.santos@gmail.com

Em meio aos Santa Cruz, Japeris, Belford Roxo e Saracurunas, a categoria trabalhador, que parece ser homogênea, se fragmenta em muitas. Entre os trabalhadores-passageiros, em sua grande maioria, estão, por exemplo, babás, domésticas, auxiliares de serviços gerais, porteiros e vendedores. Os vendedores no trem muitas vezes são reconhecidos e se reconhecem como vendedores do trem. Alguns deles se autodenominam camelôs ambulantes. Os camelôs ambulantes representam uma massa trabalhadora precarizada que se sustenta nas rebarbas do neoliberalismo. Eles são seus próprios patrões, trabalham por conta própria sem o respaldo de lei alguma — a única lei destinada aos camelôs ambulantes, o Decreto-Lei nº 2.041, de 27 de fevereiro de 1940, proíbe sua

atuação. É um contratrabalho que subsiste, em termos jurídicos, na ilegalidade. Tendo isto em vista, a presente pesquisa se interessa em entender quais contingências os levam a atuar em uma profissão de pouco prestígio social e como é a rotina de trabalho de um camelô ambulante. A partir de entrevistas semi-estruturadas com os camelôs ambulantes, busquei trazer à tona histórias de vida, narrativas, que significassem experiências de trabalho através de práticas cotidianas de labuta, analisadas com os recursos teórico-metodológicos disponibilizados pela Análise de Narrativa. Além disso, recorro aos conceitos de *indexicalidade* para traçar conexões nas narrativas entre contextos micro e macrodiscursivos e *sobrevivência pragmática* para pontuar como os camelôs ambulantes criam formas de existir e sobreviver a partir do trabalho. Os dados apontam para como o trabalho para os camelôs ambulantes é uma estratégia para manter a vida, constantemente ameaçada pela estrutura ferroviária e o neoliberalismo, instâncias contrárias à sua permanência nos trens, estações e no mundo de modo geral.

Palavras-chave: camelôs ambulantes; trabalho; narrativa; neoliberalismo

LULA LÁ, CRESCE A ESPERANÇA:
(RE)ENTEXTUALIZAÇÕES DE UM ENUNCIADO PARTIDÁRIO

Douglas Firmino dos Santos – PPGEL/PUC-Rio
douglasfirmino.santos@gmail.com

Yasmin Barros Cortez – PIPGLA/UFRJ
yasminbc16@gmail.com

No dia 10 de março de 2021, dia em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se pronunciou publicamente acerca da anulação da condenação que o levou a 580 dias de prisão, milhares de publicações surgiram nas redes sociais, em favor e contra o político. Os discursos favoráveis giravam, em geral, em torno da “esperança” reacendida pelo petista; os contrários evocavam escândalos de corrupção para qualificá-lo como “ladrão”. Estas manifestações interagem diretamente com aquelas propostas em sentido macrodiscursivo por seus espectros políticos: enquanto o Partido dos Trabalhadores vem, desde 1989, evocando ideais de esperança associados à figura de Lula, através do jingle *Lula lá*, opositores vêm, desde 2005, associando o então presidente a terminologias que o apresentam como criminoso. O presente trabalho dedica-se a observar como discursos partidários são constantemente (re)entextualizados através de seus eleitores e simpatizantes, e até mesmo por seus opositores. Em um contexto pós-pandêmico, onde mais de 600 milhões de brasileiros perderam suas vidas, tragédia esta que foi alargada pela falta de ações do Governo Federal, cabe pensar de que modos o discurso do eleitorado exalta a necessidade da esperança. Aqui, pretendemos apontar as (re)entextualizações do discurso da esperança apresentado historicamente pelo Partido dos Trabalhadores, além de entender como elas operam em processos de construção e reconstrução de uma memória coletiva.

Palavras-chave: Discurso; Entextualização; Partido dos Trabalhadores; Lula

Mães em luto e na luta por justiça: um estudo comparativo entre Brasil e Estados Unidos

Etyelle Pinheiro de Araújo
PPGEL/ PUC- Rio
etyelle.araujo@gmail.com

Um relatório publicado pela Anistia Internacional, em 2015, apontou que as polícias brasileiras figuram dentre as que mais matam no mundo, sendo os negros a maior parte de suas vítimas. Esse mesmo relatório apontou um número desproporcional de homens afro-americanos vitimados por tiroteios envolvendo policiais nos Estados Unidos. Diante desse cenário, algumas das mães de vítimas da brutalidade policial se engajam em movimentos sociais para lutar por justiça em seus respectivos países. Este trabalho propõe um estudo comparativo entre as narrativas de mulheres negras brasileiras e afro-americanas engajadas em movimentos sociais como a Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência, no Brasil e o *Black Lives Matter*, nos Estados Unidos. Com base na Análise de Narrativa (Bastos; Biar, 2015), este trabalho de metodologia qualitativa interpretativista objetiva: *i*) entender quais estratégias discursivas são utilizadas por essas mães no processo de transformação do luto em ação política; *ii*) compreender de que maneira essas narrativas funcionam como formas de resistência e que efeitos elas produzem sobre o contexto macro, ao denunciarem o racismo e demandarem mudanças no sistema legal. Para tanto, a análise se divide em duas lâminas: a primeira se debruça sobre cada narrativa e a segunda analisa comparativamente as performances narrativas. O *corpus* de dados abrange gravações dos discursos das mães brasileiras nos protestos no Rio de Janeiro (entre 2016-2018), e das mães afroamericanas em eventos disponíveis na internet. A análise aponta para semelhanças em como essas mulheres elaboram suas narrativas de engajamento, elas extrapolam o contexto micro da luta por justiça para uma luta contra o racismo estrutural; também sublinha como a maternidade é reivindicada como elemento de autoridade moral nas narrativas. Esta pesquisa pode proporcionar entendimentos sobre como as lutas dessas mulheres podem ser concebidas como parte de uma esfera mais global de luta contra o racismo estrutural.

Palavras-chave: Narrativas; Movimentos Sociais. Resistência. Racismo, Maternidade.

Visibilidade e apagamento de identidades não-binárias em traduções de mangás

Felipe Duarte Pinheiro
PUC-Rio
felipe.duartepinheiro@gmail.com

A presente pesquisa faz uma análise comparativa entre duas traduções do mangá *Houseki no kuni*, de Haruko Ichikawa, cujas personagens não têm um gênero especificado. Partindo do pressuposto de que traduções têm o potencial de reproduzir e/ou subverter ideologias normativas (VENUTI, [1998] 2019) e com base em teorias da Tradução *Queer* (LEWIS, 2010; PINHEIRO, 2021), foram analisadas as traduções espanhola, publicada pela editora ECC, e brasileira, publicada pela editora NewPop. O foco recaiu nas estratégias tradutórias empregadas para lidar com a não-binariedade de

gênero das personagens, e se tais estratégias visibilizam essa característica de suas identidades ou acarretam em seu apagamento. A análise dos dados demonstrou que as traduções optaram por adotar estratégias tradutórias distintas para lidar com os obstáculos que o gênero gramatical das línguas espanhola e portuguesa impõem à manutenção da não-binariedade de gênero das personagens. Na tradução espanhola, a estratégia principal consistiu no emprego de uma linguagem não-binária indireta (LÓPEZ, 2019), na qual os próprios recursos disponíveis na gramática do espanhol foram empregados para evitar o uso de formas generificadas de referir-se às personagens. Nos momentos em que isso não foi possível, utilizou-se a linguagem inclusiva baseada no uso de terminações em “-e” como forma de substituir as desinências de gênero do espanhol, de modo que a não-binariedade de gênero das personagens foi não apenas mantida, mas também visibilizada. A tradução brasileira, por outro lado, optou por não manter a não-binariedade de gênero das personagens. Em vez disso, foi designado um gênero às personagens por meio do uso do masculino genérico, impossibilitando, assim, a sua leitura como *queer*.

Palavras-chave: tradução, tradução *queer*; gênero e sexualidade, não-binariedade.

Interações através de comentários no Youtube frente à temática do feminismo

Gabriela Viol Valle
PUC-RJ/UFRJ
gabrielaviol@hotmail.com

O foco do presente estudo são interações através de comentários em um vídeo do YouTube que aborda a temática do feminismo. O objetivo principal da pesquisa consiste em analisar debates sobre gênero na rede social, mediante comentários de um vídeo. A base teórico-analítica apoia-se em abordagens na interface de ordem interacional entre a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversa e a Antropologia Linguística. Da Sociolinguística Interacional, são importantes os conceitos de Goffman de footing, face, gerenciamento de impressão e performance. Da Análise da conversa, são utilizados os conceitos de formulação e accounts. Da Antropologia Linguística, são consideradas as concepções de indexicalidade e escalas. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista e netnográfica. A análise dos comentários, a partir do vídeo do YouTube selecionado na pesquisa, foi feita em dois momentos. No primeiro, os comentários versam sobre a pluralidade do feminismo. Há diferentes participações no fluxo da interação, com relações de concordância, discordância e indagações. No segundo momento, os comentários indicam manifestações interacionais conduzindo a um debate sobre gênero, com os direitos dos homens e a busca pela igualdade de gênero. Na ordem micro, os participantes trazem a ordem macro, dicotomizando o feminismo, em seus alinhamentos. Nas análises, nota-se que o meio termo dificilmente surge na interação. Há posturas de ataques e contra-ataques, que ora defendem o feminismo, ora questionam e reforçam o patriarcado.

Palavras-chave: comentários na interação virtual; debate sobre gênero; feminismo; netnografia; YouTube; patriarcado.

Infância em xeque: análise multimodal de campanhas humanitárias de crianças em deslocamento forçado

Jacqueline Teixeira
PUC-RIO
jteixeira_22@yahoo.com.br

Pretendendo contribuir para a reflexão do contexto migratório na atualidade, mais especificamente da migração infantil, este presente estudo em andamento tem como objetivo investigar campanhas humanitárias de organizações internacionais – Fundo das Nações para a Infância (UNICEF), Organização Internacional para as Migrações (OIM) e Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) – veiculadas pela plataforma Youtube, cuja temática centra-se na infância em deslocamento forçado. A ambivalência da vítima essencializada, que gera piedade e/ou medo, compaixão e/ou repressão, está no cerne da questão da representação dos refugiados, e a infância, além de disputada nas campanhas, tornou-se também campo de disputas mercadológicas. Considerando que a produção fílmica tem a intenção de despertar determinada(s) reação(ões) no espectador ou público em geral “*diante do sofrimento do outro distante*” (CHOULIARAKI, 2008, 2010), palavra e imagem articulam-se de modo a construir significados e discursos a respeito da(s) infância(s), em especial, daquela(s) em situação de trânsito e refúgio. Através das pequenas narrativas (BAMBERG e GEORGAKOPOULOU, 2008; BASTOS, 2008) em dialogia com categorias da sintaxe visual (KRESS E VAN LEEUWEEN, 1996), a análise procura problematizar certas representações que reforçam ideias hegemônicas e universais de infância (BHABHA, 2006, 2009; TABAK e CARVALHO, 2018; CANTINHO, 2018), sob o risco de torná-la desviante e ameaçadora no imaginário social dos países que a acolhem.

Palavras-chave: infância(s); deslocamento forçado; campanhas humanitárias; narrativas; multimodalidade.

SUJEITA BAIXADENSE: UMA AUTOETNOGRAFIA DO PRIMEIRO SARAU DE RUA DA BAIXADA FLUMINENSE

Janaina Coutinho Tavares
UFRJ
janaina@letras.ufrj.br

Este trabalho é uma autoetnografia construída de forma dialógica, pois revisita minhas memórias, narrativas autobiográficas, e apresenta narrativas biográficas de sete artistas que participaram do primeiro sarau de rua da Baixada Fluminense: o Sarau “V”. Esta pesquisa tem como objetivo identificar os códigos de sobrevivência e esperança nas histórias contadas e nas abordagens artísticas, bem como compreender as reinvenções em tempos de pandemia e a importância dos letramentos no fazer artístico destes artistas. Através da narração construímos e reconstruímos a nós mesmos no mundo social e integramos discurso e cultura para dar sentido e interpretar a vida social, de um tempo espaço periférico em que se ocupava praças públicas com arte. Nessa pesquisa apresentamos: a história do Sarau “V” e seus desdobramentos na escola e na web e as teorizações que surgem a partir das narrativas (cedidas em entrevistas via *google meet* e

WhatsApp) de artistas de rua que participaram do Sarau “V”. Os resultados, com base na narrativização das narrativas apontaram para a ideia de que o Sarau “V” expressava e comunicava práticas de significação baseadas na sobrevivência e esperança, logo, sobreviver aqui não se limita apenas ao se manter vivo e a esperança não tem a ver com espera, mas como necessidade ontológica, ancorada nos modos de estar, existir e agir no mundo: o faça você mesmo, as gambiarras, a ação no território, as redes colaborativas, os modos de operar, realizar e ser, presentes nas periferias, subúrbios, na Baixada Fluminense, e que ganharam evidência e proporção no Sarau “V”. Além disso, apresento um novo sujeito periférico: o ser baixadense, que trago como feminino, pois é geradora e matriarca, e produz arte na e a partir da Baixada Fluminense.

Palavras-chaves: sujeita baixadense, autoetnografia, narrativas de sobrevivência e esperança.

Narrativas de (re)descobrimto: perspectivas de ex-universitários em processo de construção identitária racial

Joana Soares Gomes
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
joanasoaresg96@gmail.com

Este trabalho trata sobre o letramento racial (SCHUCMAN 2012; TWINE 2004) e a pigmentocracia (WALKER 1983; TELLES 2014) - vertente do racismo que negocia sua ação de acordo com o tom de pele negra do indivíduo - que emergem de experiências narradas por ex-alunos universitários negros de pele clara da PUC-Rio, com foco na investigação em como esses participantes narram sua construção identitária racial, como ela emerge e é apresentada na interação dos participantes, além de refletir sobre o letramento racial construído na/após a trajetória acadêmica no Ensino Superior e vida profissional a partir de categorias de análise dos estudos narrativos. Ainda, observamos como a construção identitária racial dos participantes alinham-se aos embates discursivos com relação ao racismo num espaço majoritariamente branco situado na zona sul do Rio de Janeiro: a PUC-Rio. Com base nos estudos da Análise de Narrativa (MISHLER 2002; BIAR, ORTON e BASTOS 2021) privilegiamos estas narrativas em perspectiva micro porque os encontros sociais que dali sobressaem valorizam a vida social, colocando em prática arranjos que ressaltam ou afrouxam manifestações interacionais e/ou sociais na linguagem.

Palavras-chave: Letramento Racial, Pigmentocracia, Análise de Narrativa.

O videoclipe como ferramenta política: Discursos sobre o bem e o mal

Jorruan Silva de Almeida
Doutorando em Comunicação e Cultura pela UFRJ
Mestre em Interdisciplinar em Linguística Aplicada pela UFRJ
jorruan@gmail.com

As classificações que o discurso produz, como bem e mal, menino e menina, não podem ser compreendidas sem uma análise empírica da prática social. Deste modo, é preciso

considerar o contexto sócio-histórico em que o discurso se insere regulando e reiterando normas da vida social. Com isso, observamos que as interações sociais ocorrem mediante às práticas de linguagem e contratos de sentido micro que indiciam processos culturais mais amplos. Entendendo que “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (BRETON,2006, p.7), observamos o corpo como vetor de produção de sentido e o videoclipe como plataforma para discutir questões políticas e questionar discursos hegemônicos. Neste caminho, essa ferramenta audiovisual é o lugar onde o artista se expressa, articulando corpo, áudio e vídeo numa experiência estética e política. Considerando que enunciar produz uma realidade, este trabalho procura observar como alguns artistas contemporâneos agenciam o discurso cristão, sem ser propriamente cristão. Com isso, poderemos observar como as relações entre bem e o mal são utilizadas como uma forma retórica para entender um todo. Desta maneira, estes artistas nos provocam a pensar noções de valor, como bem e mal, assim como outras questões, como raça, sexualidade, gênero e suas naturalizações. Para empreendermos essa reflexão, estabeleceremos um diálogo com as noções de discurso de Foucault, Silvertin e outros autores para observarmos como letra, música e vídeo constroem um discurso sociopolítico. Assim, este trabalho torna-se um empreendimento reflexivo da contemporaneidade, fomentando “espaços para visões alternativas ouvindo outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendidas por outras histórias” (MOITA LOPES, 2006, p.23).

Palavras-Chave : Discurso, Corpo, Videoclipe, Bem, Mal

CAMINHOS COLETIVOS DE PESQUISA: O FAZER ACADÊMICO NOS GRUPOS DE PESQUISA EM ANÁLISE CARTOGRÁFICA DO DISCURSO

Larissa Coelho – UERJ
larissapereiracoelho8@gmail.com
Gabriel Merlim Moraes Villela – UFF
villelagmm@gmail.com

Neste trabalho assumimos a perspectiva teórico-metodológica da Análise Cartográfica do Discurso, que preconiza a não linearidade e o envolvimento do pesquisador no ato de pesquisar. Todavia, mais do que uma mera perspectiva teórico-metodológica, nós a assumimos como uma postura ético-político-afetiva, inseparável do fazer pesquisa, e como modo de construção de coletivos de trabalho (ROCHA; DEUSDARÁ, 2011). Nossa abordagem foi tomando forma no decorrer das discussões e dos encontros dos grupos de pesquisa em Análise Cartográfica do Discurso, contudo, até hoje não encaramos como atividade simples definir o tipo de AD que queremos praticar, pois “não desejamos construir muros ou realinhar fronteiras disciplinares” (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 114). Frente a essas concepções, objetivamos, nesta apresentação, enfatizar as múltiplas trocas realizadas nos e entre os grupos de pesquisa e o quanto participar desse ambiente vem acrescentando positivamente não apenas em nossas pesquisas acadêmicas como também em nossas próprias formações. Para tanto, analisamos trechos de dissertações e teses produzidas por pesquisadores envolvidos em grupos que trabalham a Análise Cartográfica do Discurso na UERJ, no Cefet/RJ e na UFF, que destacam o modo como pensamos o fazer pesquisa em AD. Desse modo, observamos aspectos como a coletividade, interdisciplinaridade, não linearidade e

relação de diálogos por meio de marcas linguísticas, entre elas a negação polêmica (DUCROT, 1987). Além disso, através de relatos de pesquisa, abordamos situações em que os aspectos supracitados se mostram presentes como parte tanto da vida acadêmica como pessoal dos integrantes destes grupos de pesquisa.

Palavras-chave: Análise Cartográfica do Discurso. Trabalho Coletivo. Dialogismo. Fazer pesquisa. Interinstitucionalidade.

INCLUSÃO OU SEGREGAÇÃO: LEVANTAMENTO DE *TWEETS* QUE VALORAM PERSPECTIVAS DISTINTAS SOBRE O DEBATE RACIAL

Leilane Raissa Moraes da Conceição
Mestranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
leilane@letras.ufrj.br

As heranças da escravidão no Brasil se estabeleceram no século XX, e no cenário contemporâneo se reverberam por meio de um discurso muito naturalizado e práticas sociais habituais. Dessa forma, o diálogo sobre o racismo, embora seja uma temática muito presente atualmente, ainda assim há um certo empecilho nesse debate, pois é preciso considerar que o assunto gera incômodo nas esferas sociais que sempre ocuparam um espaço de privilégio e sutilmente renovam o modo de perpetuação da prática racista. Em vista disso, a pesquisa propõe analisar *tweets* retirados da postagem de um Deputado Federal do estado do Rio de Janeiro em que ele e seus apoiantes criticam a aplicação de uma ação afirmativa destinada para pretos pardos, desenvolvidos por uma instituição privada e, do mesmo modo, serão analisados os comentários contrários a posição do deputado. Para isso, serão utilizados a noção de cronotopos e as ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2005) para compreender a noção do espaço *online* de circulação dos textos, bem como o conceito de indexicalidade de modo a entender como a dinâmica de exclusão das minorias étnicas se dão na contemporaneidade, e, para assim, identificar as ordens de indexicalidade que perpassam regimes de poder e dominação. Para além dos estudos no interior da performatividade, a contribuição de Fernandes (2008) será fundamental ao entendimento da formação da sociedade de classes e como esse arranjo ainda perdura atualmente.

Palavras-chave: racismo; indexicalidade; cronotopo.

Discursos sobre ciência e gênero em salas de aula de Inglês em um projeto de extensão universitária

Leonardo Dias Cruz
Universidade Federal do Rio de Janeiro
leonardo@letras.ufrj.br

Este trabalho versa sobre a possibilidade de compreender a sala de aula de língua inglesa como um espaço para (re)pensar discursos sobre ciência e sobre

cisheteronormatividade. O contexto de pesquisa é CLAC/UFRJ, um projeto de extensão universitária, e os materiais didáticos construídos para o nível Inglês VI ao longo do primeiro semestre acadêmico 2022. Com base em uma perspectiva de linguagem como um processo dialógico (VOLÓCHINOV, 2017[1929]), o presente estudo concebe a sala de aula de língua como um *lócus* de fomento ao pensamento crítico e de (des/re)construção de conceitos e categorias sociais. Nesse sentido, pergunta-se: que ideologias sobre ciência e sobre quem pode fazer ciência são construídas no material? Os dados gerados contemplam materiais didáticos, gravações das aulas e transcrições de entrevistas com alunas focais. A análise, orientada por conceitos bakhtinianos, tais como ideologia, enunciado e dialogismo, indica que o material desafia discursos tradicionais sobre ciência e gênero, reverberando a proposta progressista do projeto CLAC/UFRJ, ao passo em que tensionamentos ideológicos se materializam nos discursos das alunas. De forma geral, as participantes reconhecem o espaço de ensino-aprendizagem do projeto como único e inovador, valorizando as reflexões críticas fomentadas pelos materiais didáticos; no entanto, há também menções a conflitos internos que perpassam crenças religiosas, morais e éticas. O CLAC/UFRJ, nesse sentido, reflete e refrata discussões – polarizadas – sobre pautas identitárias que circulam em diferentes signos, textos e discursos no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Ideologia; ciência; cisheteronormatividade.

**CORTES DE NAVALHA, DISPUTAS NARRATIVAS DE PASSADOS-
PRESENTES: o arrastar de memórias na produção semiótica da Operação
Policial Tarântula no *Twitter***

Lucas Felipe de Oliveira Santiago
UFRJ/PUC-Rio

Esta pesquisa, de forma mais ampla, tem como objetivo investigar a produção da narrativização da memória da Operação Tarântula no *Twitter*. A operação em questão foi uma ação da polícia civil instituída pelo então prefeito Jânio Quadros, no dia 27 de fevereiro de 1987, na cidade de São Paulo. Segundo dados da Câmara Municipal de São Paulo, mais de 300 travestis foram presas sob a acusação de contágio de “aids”. Para essa pesquisa utilizo os constructos teórico-analíticos sobre memória (HANCHARD, 2008; LIFSCHITZ, 2006) narrativa (BASTOS e BIAR, 2015; DE FINA e GEORGAKOPOULOU, 2020; MOITA LOPES, 2021) e cronotopo (BAKHTIN, 1981; DE FINA e GEORGAKOPOULOU, 2020; BLOMMAERT e DE FINA, 2017) como pontos-chaves de análise. A pesquisa é qualitativa-interpretativista com base em uma etnografia *onlineOffline* (VARIS, 2020) que busca se debruçar sobre as novas comunicabilidades da vida pós-digital (BLOMMAERT, 2020). Os dados gerados sãointerações rastreadas a partir do mecanismo de busca do *Twitter* que tenham em seu corpo a fórmula “operação tarântula”. Percebi, a partir de *tweets* gerados sobre a ação policial, que o ato de lembrar provoca um arrastar de outras histórias na arena semiótica em disputa sobre esse fato histórico na rede social. Além disso, a produção narrativa dessa memória desestabiliza a ideia de temporalidade linear ao disputarem a orientação narrativa (LABOV, 1972) ancorando outros tempo-espacos no ato de lembrar em torno de uma vulnerabilidade que é inseparável da resistência (BUTLER, 2016). Dessa forma, percebo que ao disputarem e convocarem tempo-espacos discursivamente, os usuários da plataforma colocam no presente tempo-espacos na construção de um aqui-agora que

atualiza a cada minuto violências, mas que também abre espaços para resistências ao narrarem essa memória social. Assim, o lembrar pela narrativa é um movimento discursivo de luta que recupera no passado construções espaço-temporais incrustadas no presente como forma de possibilitar outras formas de futuro no rememorar esse evento.

Palavras-chave: Memória; Narrativa; Cronotopo; Operação Tarântula.

Uberização do trabalho: uma análise cartográfica do léxico “parceiros” no contexto profissional

Marcelli Braga dos Santos – PPRER/Cefet-RJ
braga.marcelli86@gmail.com

Marllon do Nascimento Conceição – PPRER/Cefet-RJ
marllon0109@gmail.com

Maxwell Aleixo Damásio – PPRER/Cefet-RJ
psicologodamasio@gmail.com

Orientadora: Maria Cristina Giorgi Cefet/RJ

Conforme Antunes (1999; 2018), a uberização do trabalho define o “novo proletariado de serviços informal ou digital”. Uma das tendências desse processo aponta para uma ressignificação dos termos “parceiros” e “colaboradores”. A escolha lexical do termo ‘parceiro’ sugere a construção de uma oferta de trabalho em conjunto em que todos atuam em regime colaborativo e lucram de forma justa. A nosso ver, no entanto, tais práticas dialogam, de forma explícita, com o adestramento dos corpos dentro do que propõe como poder disciplinar (FOUCAULT, 2014). Desse modo, esta apresentação visa problematizar o uso corrente do conceito de parceria em relações profissionais no contexto do pensamento neoliberal vigente, uma vez que a palavra evoca noção de positividade frente às demais outrora utilizadas. Não se observa, entretanto, uma alteração genuína nos aspectos opressores que sempre atravessaram o mundo do trabalho. Situados na intersecção entre a Linguística aplicada, apoiamo-nos numa ideia de linguagem que, além de dialógica (BAKHTIN, 1929; 1979), é um modo de intervir no mundo e não apenas de representá-lo (ROCHA, 2006; 2014), e nesse sentido, buscamos, ainda, entender os modos de subjetivação (CIAMPA, 2001; SAWAIA, 2011; ROLNIK, 2018) e os meios de incorporação dos trabalhadores neste campo. Tendo em vista o poder de intervenção e invenção da linguagem, e pensando em possíveis produções de subjetividade desse trabalhador dentro da lógica neoliberal, nosso corpús se constrói por meio de uma cartografia de discursos das grandes empresas veiculados na mídia hegemônica, que se comprometem com uma suposta autonomia do trabalhador, como empreendedor de si, como um não-empregado apagando as estratégias de exploração da mão de obra.

Palavras-chave: Linguagem; Trabalho; Neoliberalismo.

Medos sobre a maternidade e as pistas que eles dão sobre como deve ser a mulher na nossa sociedade

Maria Eduarda Paixão
PUC-Rio
mdudapaixao@gmail.com

Não é preciso muita pesquisa para saber que medo e maternidade são ideias que caminham juntas. No senso comum, nas rodas de conversa, basta ser mulher para saber que o ato de ser mãe envolve muitos temores e inseguranças. A lista de preocupações pode ser infinita: de engravidar no momento errado a não engravidar nunca; de a gravidez deformar o corpo a transformar demais a vida; de o filho nascer com alguma doença a o filho se tornar mau caráter na vida adulta. A questão é que, como pesquisadora da área da análise do discurso, mais especificamente da Análise da Narrativa (BASTOS; BIAR, 2015), faz parte do meu trabalho questionar o que parece inquestionável: medo e maternidade não são uma relação universal e atemporal, mas sim consequências de discursos histórica e culturalmente construídos, a partir dos quais estabelecem-se relações de poder e dominação. A partir dessa perspectiva, minha pesquisa entrevista mulheres de 30 a 40 anos (brancas, com Ensino Superior completo), divididas em quatro grupos: não sabem se querem ter filhos; desejam ter filhos; estão grávidas e já são mães. Nessas entrevistas semiestruturadas, busco entender a partir de quando tais pessoas passaram a pensar sobre maternidade e quando e como o sentimento de medo apareceu nessa relação. A partir das respostas, tento observar a relação que a ligação entre medo e maternidade tem com discursos hegemônicos relacionados, dentre outros fatores, ao patriarcado, ao capitalismo e aos papéis de gênero da sociedade ocidental contemporânea.

Para empreender tal investigação, baseio-me, principalmente, na Antropologia das Emoções (REZENDE; BARCELLOS, 2010), nos sistemas de coerência (LINDE, 1993), nas pequenas narrativas (GEORGAKOPOULOU, 2006) e nas construções sociais acerca da maternidade (BADINTER, 1985).

Palavras-chave: narrativas, medo, maternidade, discurso.

UMA ANÁLISE DE IDEOLOGIAS EM *FAKE NEWS* SOBRE O HISTÓRICO E USO DA CLOROQUINA NA PANDEMIA DE COVID-19

Marlon Oliveira dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
marlon@letras.ufrj.br

Ao abordar três tipos de sociedades, Deleuze (1990/1992) propõe que as sociedades de controle, diferentemente dos meios de confinamento das sociedades disciplinares, exercem formas de vigilância e autoridade por meio de modulações, ou seja, qualquer espaço estaria sujeito a esses modos de controle. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar ideologias em *fake news* sobre o histórico e uso da cloroquina no contexto da pandemia de Covid-19 através da visão deleuzeana de sociedades de controle, situando-as em discursos propagados através de redes sociais e seus algoritmos. Sendo assim, foi necessária uma revisão histórica tanto sobre notícias falsas quanto sobre redes sociais. Para a coleta de dados, foi utilizado o site da Agência Lupa, que se caracteriza por ser

uma agência de verificação de fatos e plataforma de combate à desinformação. A metodologia consiste na análise qualitativa de notícias falsas retiradas de verificações do site utilizando de dois construtos teórico-analíticos principais: o cronotopo abordado por Blommaert (2015) e a indexicalidade abordada por Silverstein (2006). Com isso, o trabalho se propõe a analisar como signos – linguísticos ou não – invocam diferentes tempos e espaços, conectando discursos e ideologias a favor da visão de governo do atual presidente da república, principalmente no que diz respeito a uma visão contrária. Esses discursos indicam a necessidade do letramento informacional e do combate às *fake news*.

Palavras-chave: *fake news*; sociedades de controle; ideologias; redes sociais; covid-19.

DE MANICONGO A MANICONGO: SABERES TRAVESTIS.

Maxwell Aleixo Damásio – PRRER-Cefet/RJ
Maria Cristina Giorgi - Cefet/RJ

Nesta apresentação, propomos uma reflexão acerca da produção de letramentos de reexistência da população negra travesti a partir da análise discursiva de performance de Bianca Manicongo no Instagram (@bixarte). Buscamos apontar deslocamentos que temos identificado na referida rede social, em consonância com a estória de Xica Manicongo, natural do Congo e escravizada, registrada oficialmente como Francisco, conhecida atualmente como a primeira travesti da História do Brasil, considerando os registros de sua existência, derivados dos arquivos da primeira Visitação Inquisição. Delineando uma trajetória histórica dos usos das informações disponíveis desde o século XVI, por partes de pesquisadores, movimentos sociais e artísticos, reitera-se o caráter mobilizacional da construção da memória coletiva e seu relevante papel na construção e protagonização de identidades grupais (Jesus, 2019). Situados na intersecção entre a Linguística aplicada e a Psicologia Social, apoiamo-nos numa ideia de linguagem que, além de dialógica (Bakhtin, 1929; 1979), é um modo de intervir no mundo (Rocha e não apenas de representá-lo (Rocha, 2006; 2014); bem como no conceito de letramento de reexistência pensado por Souza (2011). Nesse sentido, objetivamos, ainda, entender os modos de subjetivação (Ciampa, 2001; Sawaia, 2011; Rolnik, 2018) e os meios de incorporação das travestis nessa rede social, por meio do ativismo para que sejam assegurados seus direitos básicos e o pleno exercício de sua cidadania, negados, principalmente, mediante criação e atualização de necropolíticas (Mbembe, 2018).

Palavras-chave: Identidade de gênero, Letramentos de reexistência. Memória Coletiva.

Aquilombamento e resistência de pretos tipo A: construção de identidades negras a partir de narrativas orais em contexto de letramento acadêmico

Natália Barreto Felix da Silva
PPGEL/PUC-Rio
nbarretofelix@hotmail.com

A presente pesquisa faz parte da elaboração de minha tese e objetiva abordar a construção identitária forjada a partir da oralidade de jovens negros no contexto acadêmico. Para tal, nos apropriamos da análise de narrativas de estudantes negros na construção individual e coletiva que fazem de si e de seus pares, por meio das reuniões realizadas no Coletivo Nuvem Negra (Puc-Rio). No contexto da consolidação de um coletivo negro que abarca as trajetórias, vivências e desafios experienciados por seus participantes, interessa-nos depreender, por meio de narrativas orais, de que maneira esses jovens se constroem e são construídos na coletividade. Além disso, nossa pesquisa se ancora na forma em que a construção dessas narrativas e do movimento do supracitado coletivo movimentam as tensões raciais e territoriais envolvidas em um contexto acadêmico majoritariamente branco. Esta pesquisa apresenta como chave teórica a Análise de Narrativas (BASTOS E BIAR 2015; MOITA LOPES, 2006; RIBEIRO E GARCEZ, 2002), a partir de intersecções que depreendam o ponto de vista racial da Linguagem (FANON, 2008; NASCIMENTO, 2019; SILVA SOUZA, 2011). Sendo assim, interessa-nos não apenas a linguagem/ discurso como instrumento de comunicação e viabilização de sentido, mas também, e principalmente, a negociação de construções sociais e identitárias que são feitas a partir de contextos interacionais. Por meio da troca linguística dos participantes, acreditamos ser possível depreender as relações estabelecidas entre a construção identitária que o sujeito faz de si mesmo e do aval recebido pelo seu interlocutor na criação desse *self*. Nesse sentido, a identidade se revelaria a partir das práticas discursivas interacionais (MOITA LOPES, 2002). A pesquisa, portanto, se debruça no conceito de identidade a partir da percepção de GUMPERZ e COOK-GUMPERZ (1982), segundo os quais, a identidade é fruto dos processos de identificação com determinados contextos de fala.

Palavras-chave: Narrativas; Raça; Identidade; Resistência; Letramento.

**“QUEM PODE ME DEFINIR SE SOU A PRÓPRIA CONTRADIÇÃO?”: EXU E
POSSIBILIDADES DE (DES)CONSTRUÇÃO DA RACIONALIDADE
NEOLIBERAL**

Roberta Calixto – PPGLetras/UERJ
robertasc.santos@gmail.com
Ariane Oliveira – UERJ
ariane.o.sousa@gmail.com

Partindo da compreensão de que o regime de verdade neoliberal se origina e se consolida a partir de uma lógica moderna-ocidental-colonial-capitalista (MBEMBE, 2018), neste trabalho nos debruçamos sobre a figura de *Èsù* (MARTINS, 2021; SODRÉ, 2017) — ou Exu — entidade reverenciada nas religiões de matriz africana e um dos principais pilares do pensamento filosófico da cultura iorubá/nagô. Acreditando na

necessidade da desconstrução de um paralelismo criado entre *Èṣù* — cultuado pelas religiões de matriz africana — e o diabo — figura de oposição à Deus na cosmovisão judaico-cristã —, que acaba por reforçar uma lógica binária imposta no cenário hegemônico, apresentaremos uma análise do artigo “Não sou o diabo. Sou Exu”, escrito por Pai Rodney William, publicado na revista Carta Capital. Nele, percebemos a construção de um etos discursivo (DEUSDARÁ; ROCHA; ARANTES, 2019) que vai de encontro ao pensamento ocidental-cristão, uma vez que rompe com as relações dicotômicas estabelecidas por ele, que se pretendem universais, mas que não se encaixam em uma filosofia, por exemplo, de origem africana e nas subjetividades que dela decorrem. Para isso, evidenciamos o conceito de negação metalinguística (DUCROT, 1987; ROCHA, 1998) como um recurso utilizado pelo enunciador na construção de uma subjetividade que não pode ser concebida a partir de premissas binárias, mas sim a partir de multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Em um cenário sociopolítico em que o neoliberalismo avança e se consolida como subjetividade hegemônica na sociedade, cabe aos pesquisadores das ciências humanas que se posicionam contra essa racionalidade (DARDOT; LAVAL, 2016), incluindo os estudiosos da linguagem, debruçar-se sobre seu objeto de pesquisa a fim de não só compreender como se articulam os discursos que dão sustentação a este sistema, mas também apontar possibilidades de ruptura com essa lógica que se institui como única possibilidade de existência.

Palavras-chave: Exu, etos, negação metalinguística, produção de subjetividades, neoliberalismo.

A participação de advogados na mediação familiar: um estudo de fala-em-interação

Vanderlei Andrade de Paula
Universidade Federal do Rio de Janeiro
v.andrade@letras.ufrj.br
Maria de Lourdes Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
malupereira@letras.ufrj.br

A Lei 13.140, de 2015, representou um avanço no Sistema de Justiça por dar prioridade à mediação como método para resolução de conflitos (BRASIL, 2015). Entretanto, desde então, ainda não são muitos os trabalhos que enfocam no que de fato acontece nos encontros de mediação. Neste trabalho, que parte de um projeto maior de estudos de mediações por videoconferência, temos como objetivo analisar os discursos de advogados(as) em sessões de mediação ocorridas nos Centros Judiciários de Solução de Conflitos e Cidadania (CEJUSCs), vinculados ao Tribunal de Justiça do Estado Rio de Janeiro (TJRJ). Para a análise dos dados, adotamos a perspectiva teórica-metodológica da análise da conversa (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974), segundo a qual as gravações foram transcritas. Os resultados preliminares apontam que os advogados, durante a mediação: i) fazem esclarecimentos de cunho legal; ii) envolvem-se em conflitos com os participantes; iii) tomam o turno antes do início da mediação; iv) reivindicam o turno de fala para defender-se. Em uma perspectiva aplicada, as descobertas deste trabalho visam contribuir para a capacitação de mediadores e, conseqüentemente, melhora do serviço de mediação prestado pelo Tribunal de Justiça.

Por fim, o trabalho contribui, também, para fomentar as discussões teóricas em análise da conversa no Brasil.

Palavras-chaves: Análise da Conversa; Discurso; Interação; Mediação; Advogados.

“CLUBE DE TIRO VAI VIRAR BIBLIOTECA”: DISSIMETRIAS POLIFÔNICAS EM PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE O LIVRO NO BRASIL

Victor Hugo do Nascimento Vasconcelos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
vasconcelos.vhn@gmail.com

O objetivo deste trabalho é debater a produção de sentidos sobre o livro e a leitura no Brasil, a partir da análise de dissimetrias polifônicas em enunciados presentes no atual debate político brasileiro. Serão relatadas atividades e análises relacionadas à pesquisa de mestrado “*Livros e armas: cartografia de práticas discursivas de controle da leitura na ascensão da extrema direita no Brasil*”, atualmente desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Com a vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 e a ascensão da extrema direita ao poder no Brasil, observou-se uma intensificação das práticas discursivas de controle da leitura no país, com a ocorrência de episódios que colocaram o livro no centro da recente polarização política nacional. Incidentes como o recolhimento de livros pela Prefeitura do Rio de Janeiro na Bienal do Livro em 2019 e o expurgo ideológico de obras da biblioteca da Fundação Cultural Palmares em 2021, exemplificam a escalada autoritária do qual o livro e a leitura vêm sendo alvo atualmente. Nesse sentido, torna-se relevante a elaboração de um trabalho que investigue os processos de produção de sentidos que permeiam as práticas discursivas sobre o livro e a leitura no Brasil. A pesquisa vem sendo realizada sob a perspectiva dos estudos discursivos, abordando conceitos teóricos como cartografia, discurso, poder e negação polêmica. Espera-se que o trabalho possa contribuir para o debate público sobre o planejamento de políticas de combate à censura ao livro e incentivo à leitura.

Palavras-chave: Livro. Leitura. Censura. Análise do Discurso. Cartografia.

Os bastidores do ensino remoto em contexto pandêmico e o novo presencial na rede pública: esperança digital ou necropolítica educacional?

Viviane dos Santos Cavalcanti
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na PUC-RIO
vivicavalcantiletras@yahoo.com.br
Orientadora: Dra. Liana de Andrade Biar

A presente pesquisa em andamento resulta de narrativas de professores que trabalham em escolas públicas no estado do Rio de Janeiro e tem como objetivo compreender os bastidores do ensino remoto e nossas condições de realização no contexto de pandemia por meio de construções narrativas e de posicionamentos (Bamberg, 1997, 2002). O

estudo é, portanto, de base qualitativa e interpretativista (Denzin & Lincoln, 2006), e propõe uma análise de viés autoetnográfico, dado que sua autora é também parte do corpo docente das escolas públicas. Os dados apresentados nesta pesquisa são gerados nas interações em entrevistas qualitativas semi-estruturadas e gravadas em áudio (Mishler, 1986; De Fina, 2009) e via *whatsapp*. Além disso, as entrevistas deste estudo são analisadas tendo como apoio a perspectiva teórica na Análise de Narrativa (Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972; Riessman, 2008; Bastos & Biar, 2015), mais precisamente na concepção de narrativas não-canônicas, micronarrativas (Bamberg & Georgakopoulou, 2008) e histórias de vida (Linde, 1993), focando nas experiências de vida e em posicionamentos de ordem micro que dialogam com macrodiscursos. A pesquisa se situa no panorama da Linguística Aplicada Contemporânea (Moita Lopes *et al.*, 2006; 2013) com o advento da eclosão pandêmica, que direcionou esta temática de pesquisa aos diálogos com os conceitos de igualdade afetiva (Apple, 2017), esperança (Crapanzano, 2003; Miyazaki, 2004; Silva, 2021; Cortella, 2014) e necropolítica (Mbembe, 2016) atrelados ao percurso digital de ferramentas extraoficiais contrapondo as oficiais como tentativa de alcance e sobrevivência do ensino-aprendizagem na rede pública.

Palavras-chave: Escola Pública; Linguística Aplicada Indisciplinar; Narrativas; Contexto de Pandemia; Ensino Remoto

MEDO DE FALAR: SALAS DE AULA E SILENCIAMENTOS

Yasmin Barros Cortez
PIPGLA/UFRJ
yasminbc16@gmail.com

Para os professores de linguagens, não é raro ouvir de seus alunos comentários sobre o “medo de falar”, isto é, o receio de utilizar formas gramaticais em discordância com as regras estabelecidas pelos livros e de, mediante a isso, ter sua fala invalidada. Foi a recorrência de declarações como esta que me levou ao tema de pesquisa a que me dedico, na busca de, unindo meus papéis de professora e de pesquisadora, aprofundar minhas compreensões sobre as necessidades dos alunos nas aulas de língua portuguesa, especialmente no contexto de Educação de Jovens e Adultos. Para o desenvolvimento da referida investigação, entrevistei estudantes para que narrassem suas experiências com a língua portuguesa ao longo de suas vidas, buscando observar como as ideologias linguísticas seriam trazidas à tona para organizar os eventos narrativos. Nesta apresentação, interessarão alguns excertos que narram o *silenciamento* diante das diversas salas de aula pelas quais estas estudantes passaram (a saber, as da escola regular, as do pré-vestibular social onde tínhamos nossas aulas, e as da universidade, à qual eram recém-chegadas). Uma vez que o tema do evento nos convida a pensar o papel da Linguística Aplicada para a reconstrução da sociedade, dedico um novo olhar para os dados, com o intuito de entender de que modo as instituições de ensino podem, em vez de barreiras, representar pontes de diálogo para seus estudantes.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; EJA; ideologias linguísticas; silenciamento.

A INTERAÇÃO FACE A FACE COMO REFERÊNCIA PARA PENSAR A INTERAÇÃO DIGITAL NO WHATSAPP

Zíngara Lofrano
Mestranda do PPGCOM PUC-Rio
zlofrano@gmail.com

A interação *on-line* carrega e simula elementos da interação *off-line*. O direcionamento do olhar, por exemplo, é um componente comunicacional importante para se estudar a dinâmica face a face de um agrupamento. No WhatsApp, a atenção visual pode ser individualizada, mesmo em grupos, através do recurso de mencionar participantes em uma determinada mensagem. Da mesma forma, gestos da comunicação face a face podem ainda ser expressos por meio de *emojis* e *stickers*. No aplicativo de mensagens, é possível encontrar ainda o que Goffman (2013) chamou de “exclamações reativas”: quando uma mensagem é enviada por engano no grupo e, em poucos segundos, apagada, é possível ler interjeições, como “ops”, “mandei errado” etc na sequência. Observações como essas listadas foram identificadas no meu material de pesquisa de dissertação de mestrado, que se encontra em andamento. Acompanho dois grupos formados exclusivamente por mulheres, brasileiras, jovens, entre 28 e 31 anos, majoritariamente brancas, sendo um de classe social baixa, com moradoras do Morro Santo Amaro, no Catete, Zona Sul do Rio de Janeiro, e o outro, de classe média-alta, de brasileiras que residem em Coimbra, Portugal.

Palavras-Chaves: Interações Sociais On-line; Netnografia; WhatsApp
